

EDITORIAL

ENSINAMOS PRÁTICA CLÍNICA INFORMADA POR CIÊNCIA AOS NOSSOS ESTUDANTES?

As diretrizes nacionais curriculares para o Curso de Fisioterapia, assim como para as demais profissões da saúde, orientam que a graduação desses profissionais considere desenvolver competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas¹.

No entanto, é preciso refletir: Conhecer as possíveis fontes de vieses e identificá-las ao longo da leitura de um artigo científico serão habilidades suficientes para transformar a prática clínica e torná-la informada por dados científicos?

Segundo o modelo de Kirkpatrick², a resposta é: apenas parcialmente! Esse modelo foi desenvolvido para avaliar como estudantes respondem a um treinamento. As medidas da efetividade da aprendizagem acontecem em quatro níveis: reação (sensação positiva e reconhecimento de valor sobre o treinamento), aprendizagem (acúmulo de conhecimento do início ao fim do treinamento), comportamento (registro de que processos que sofreram transformação ou novos processos concebidos a partir do treinamento) e impactos ou resultados (fatos observáveis e mensuráveis da implementação do comportamento após o treinamento)³.

À luz desse modelo, praticar a tomada de decisão usando dados da ciência depende de uma mudança de comportamento que se avalia de forma concreta na prática clínica, como nas avaliações dos estagiários em prática supervisionada. No entanto, a mudança do comportamento é antecedida pela experiência positiva e valorosa do uso das informações científicas e da aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes favoráveis a aplicação prática das mesmas³.

Dessa forma, antes mesmo do período de estágios supervisionados, parte do desafio que acredito ser relevante para a transformação da prática clínica informada por ciência é o que se impõe aos professores em sala de aula: criar condições positivas e sistematizadas de aprendizados para que os estudantes tenham

Anamaria Siriani de Oliveira¹ 

1. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto,
Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São
Paulo, Brasil. Professora Associada do
Departamento de Ciências da Saúde.

E-mail: siriani@fmrp.usp.br

10.31668/movimenta.v15i2.13518 



Copyright: © 2022. This is an open access article distributed under the terms of the [Creative Commons Attribution License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

oportunidade de acumular, categorizar e organizar o conhecimento de base enquanto treinam suas habilidades de aplicação, avaliação, inovação, planejamento e decisão⁴ baseada em evidências.

Na escala de habilidades cognitivas aplicação, avaliação, inovação, planejamento e decisão encontram-se em níveis mais superiores ou, se preferir, de maior complexidade, do processo de construção do conhecimento e dependem de habilidades menos complexas, como a memorização, o foco e a compreensão e a linguagem⁵.

Treinar essas habilidades cognitivas de níveis mais superiores exige que o docente planeje oportunidades de ensino e de avaliação nas quais os estudantes são guiados a responder a problemas de cenários reais, como na estratégia de ensino baseado em projetos⁶. Nessa estratégia, a organização da oportunidade de aprendizado e complexidade das condições de saúde reais criam diferentes possibilidades de resposta e, portanto, exigem do estudante habilidades que estão muito longe daquelas enfatizadas pelas atividades que ainda predominam em sala de aula: os slides com conteúdo “passo-a-passo”, com raras oportunidade de reflexão sobre as “respostas oferecidas pelos professores” e avaliações que decidem se o estudante progride no curso ou não, baseadas em questões de múltipla escolha ou outras que valorizam quase que exclusivamente o treino da memorização.

A que se destacar que, da aula teórica expositiva mais tradicional ao ensino baseado em projetos, nenhuma estratégia de ensino-aprendizado deve ser ignorada. Ao contrário, professores devem pensar o *continuum* do currículo de um curso de graduação. Assim como uma foto digital de alta qualidade, na qual cada pixel conta e contribui para uma alta qualidade de definição, cada uma das estratégias de ensino-aprendizagem que possuímos em nossa “caixa de ferramenta” como professores, deve contribuir para o que veremos ao final da formação: a qualidade do trabalho do egresso ofertada à sociedade.

Mesmo em cenários desfavoráveis como a redução de corpos docentes, sobrecarga nas atividades fins da universidade, níveis heterogêneos de preparo e aparente desinteresse dos estudantes e políticas institucionais de aprovação do estudante a quase qualquer custo, o compromisso com a revisão das práticas em sala de aula para incluir oportunidades de treinamento de habilidades cognitivas mais complexas na formação é imperativo para manter o crescimento e reconhecimento da profissão diante da sociedade e a prática informada por ciência.

Referências

1. Brasil. Ministério da Educação. Resolução nº 4 do CNE/CES, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. Diário Oficial da União, Brasília; 2002 [citado 29 de outubro de 2022]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES042002.pdf>
2. Kirkpatrick D. Evaluation of training. In: Craig RL, Bittel LR, eds. Training and Development Handbook. New York, NY: McGraw-Hill 1967;87-112.
3. Bollela VR, Castro M. Avaliação de programas educacionais nas profissões da saúde: conceitos básicos. Medicina (Ribeirão Preto) [Internet]. 3 de novembro de 2014 [citado 29 de outubro de 2022];47(3):333-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/86686>
4. Helgøy KV, Bonsaksen T, Røykenes K. Research-based education in undergraduate occupational therapy and physiotherapy education programmes: a scoping review. BMC Med Educ. 2022 May 11;22(1):358. doi: 10.1186/s12909-022-03354-2. PMID: 35545770; PMCID: PMC9097417.
5. Davis, D, Beyerlein, S, Leise, C, Apple, D. Faculty Guidebook Series: Cognitive Domain Module. Lisle, IL: Pacific Crest 2003.
6. Van Dam PJ, Griffin P, Reeves NS, Prior SJ, Paton B, Verma R, Giles A, Kirkwood L, Peterson GM. Learning in Practice: Collaboration Is the Way to Improve Health System Outcomes. Healthcare (Basel). 2019 Jul 9;7(3):90. doi: 10.3390/healthcare7030090. PMID: 31324061; PMCID: PMC6787743.